

## **Reflexões, Mudanças e Metamorfoses Vividas pelo Prof. Dr. Cláudio Antônio di Mauro**

### **PET Geografia**

**Revista OBSERVATORIUM (R.O):** Em 1982, você assumiu o cargo de docente na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, *Campus* Rio Claro. Para você, qual era a principal característica da ciência geográfica à época em tal instituição?

A UNESP de Rio Claro sempre foi uma Universidade pioneira. Tivemos professores conceituados como Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Olga Cruz, Antônio Christofolletti, Helmut Troppmair, especialmente da Geografia Física. Muitos docentes das universidades brasileiras formaram-se nos cursos de graduação e de pós-graduação da UNESP de Rio Claro, e isso inclui muitos docentes do Instituto de Geografia da UFU.

Na década de 70 em Rio Claro houve um prestígio muito grande para a área de Geografia Quantitativa e Teorética, e por isso a cidade ficou conceituada como berço da Geografia quantitativa no Brasil. Também podia se observar que geografia ensinada na Universidade tinha esse perfil. Mesmo assim, no Estado de São Paulo quando se falava em cursar Geografia, preferencialmente, surgiam os nomes da USP na capital, e da UNESP de Rio Claro, e mais recentemente a UNESP de Presidente Prudente. Também foi na UNESP que aconteceram, na década de 1980, as iniciativas de promover o I Encontro de Geógrafos da América Latina e também o I Simpósio de Geografia Física Aplicada. Tendo trabalhado por 8 anos na Divisão de Geomorfologia do Projeto Radam/Brasil. Fui convidado pelo professor Antônio Christofolletti para assumir as atividades e a docência da Geomorfologia em Rio Claro.

**R.O:** E atualmente, qual a principal característica da Geografia contemporânea brasileira?

Depois desse período neoliberal começou a se produzir a Geografia em uma concepção marxista. Eu traduzi um livro que trouxe de Cuba que trata das correspondências de Engels e Marx. Coloquei uma frase da carta de Engels para Paul Lafargue em 27 de

outubro de 1890, no qual está a seguinte afirmação: “Estes senhores praticam todos o marxismo, mas de maneira como se conhece na França há dez anos, e da qual Marx dizia: Tudo o que eu sei é que eu não sou marxista..” No Brasil começou a se fantasiar com as idéias de marxismo, mas muitas pessoas que não conheciam a obra falavam de marxismo, mas haviam lido apenas as orelhas de livros, ou mesmo análises sobre a obra feita a partir de outros autores. Dessa forma predominou por muito tempo um tipo de Geografia “Marxista”. A Geografia também se movimenta em função dos acontecimentos no mundo, e em 1968 tivemos na França nos espaços universitários uma grande movimentação de estudantes, e no Brasil isso aconteceu no âmbito da AGB. Dessa forma alguns setores queriam uma geografia de mercado, enquanto que outros queriam com uma abordagem mais filosófica. No meu entendimento essas vertentes precisam se combinar. É importante que tenhamos capacitação profissional para nossos estudantes, e que eles assumam projetos de transformação da realidade. No meu ponto de vista a Geografia está caminhando para essa realidade, e tem possibilidade de se constituir como ciência que contribui nos processos de transformação da sociedade.

**R.O:** Conte-nos um pouco da sua trajetória e principais contribuições no levantamento de recursos naturais enquanto assistente da divisão de Geomorfologia no projeto Radam/Radambrasil.

Fui pra Amazônia em 1973, e trabalhei no projeto Radam que depois se transformou em Radam/Brasil porque extrapolou os limites da Amazônia. Comecei trabalhando na Base de Belém, na folha Santarém, no Centro-Oeste com base em Salvador, no Sudeste e parte do Sul com base no Rio de Janeiro. Foram mais de oito anos interpretando imagens de radar na escala de 1:250 000, com publicações na escala 1:1000 000, a partir de muitos sobrevôos e trabalho de campo. Na Amazônia fui responsável pelos mapeamentos geomorfológicos na escala 1: 1 000 000 da Folha Santarém, da Folha Purus e também colaborei na elaboração dos mapas das folhas Pico da Neblina e Tucumaque, na Folha Rio Branco(Acre), na Folha Juruena e na Folha Porto

Velho(Rondônia). Fui transferido para Goiânia, mas quando eu estava chegando, me disseram que eu iria para Salvador, pois coordenaria a implantação da Base baiana do projeto Radam. Ali eu fiquei com responsabilidade de coordenar o mapeamento da folha Brasília que inclui uma parte significativa da Bahia, Goiás e do Estado de Minas Gerais. Depois eu fiquei na coordenação no Rio de Janeiro que incluía os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e uma parte do estado de São Paulo. Recebemos contribuições de importantes profissionais com o Professor Azis AB'Saber para a elaboração desses mapeamentos. O projeto RADAM foi uma escola, foi o momento em que aprendi efetivamente a fazer geomorfologia.

**R.O:** Como o senhor avalia o acervo técnico gerado pelos pesquisadores deste projeto?

O Radam foi a primeira experiência brasileira na área de recursos naturais, e produziu um material muito rico, abordando temas como geologia, vegetação, pedologia, geomorfologia, uso potencial da terra e outros subprodutos com aplicações voltadas para o planejamento. Aqui no Instituto de Geografia temos o professor Antônio Giacomini que também veio do projeto Radam. O Radam formou equipes. Na Geomorfologia tínhamos a coordenação de um mineiro chamado Getulio Vargas Barbosa, professor da UFMG e da UNB, e na época eu era assessor dele. Aprendemos muito com esse pessoal, e dessa maneira formamos equipes técnicas muito integradas. Geógrafos dialogavam com geólogos. Então você vê que os mapas possuíam uma relação de proximidade entre o que se produzia. Esse acervo foi recolhido pelo IBGE.

O projeto também recebeu geógrafos importantes do mundo inteiro, como o professor Jean Tricart. Ele esteve conosco na Amazônia, fez os trabalhos de campo. Tricart é uma das maiores autoridades da geomorfologia no mundo inteiro, e esses profissionais ajudaram muito na produção do acervo do Radam. Em muitos rincões do Brasil, até hoje, existem apenas os levantamentos feitos pelo Projeto Radam/Brasil, e muitos especialistas utilizam as publicações desses relatórios e mapas para a produção dos trabalhos. Recentemente o Prof. Dr. Roberto Rosa está apresentando mapas sobre o

Cerrado Brasileiro e utilizou como base as interpretações realizadas na escala 1:250 000 pelos profissionais do Projeto Radam Brasil.

**R.O:** De que maneira a influência política vivenciada em casa, visto que seu pai foi presidente do PTB em Lins (SP), durante o governo de João Goulart, o direcionou para a carreira política?

Meu pai fazia política partidária, foi vereador em Lins, e amigo do João Goulart. Tinha uma formação socialista, embora não tivesse uma formação escolar regular. Uma coisa obrigatória na minha casa era a formação escolar. Minha mãe com 45 anos foi obrigada a terminar o curso de piano para ser professora, pois ela ainda não tinha o diploma, e assim ajudar nas despesas domésticas. Em 1964, considerado como membro do grupo dos 11 ou 18, ligados ao Leonel Brizolla, então governador do Rio Grande do Sul e amigo do presidente João Goulart, meu pai foi perseguido político e esteve prestes a ser preso.

Quando eu tinha 16 anos de idade, me lembro que dormia com um pedaço de pau debaixo da cama para defender meu pai. Para a nossa felicidade, o delegado em Lins era uma pessoa que conhecia minha família, e por isso ele escondeu o processo e evitou a prisão do meu pai.

Em 1968, ainda em plena vigência do golpe militar, entrei na faculdade para cursar Geografia e passei a atuar no teatro, como forma de expressão contra a ditadura. Meu pai foi presidente do PTB, partido político liderado por João Goulart, e por ele foi vereador em Lins. Certamente seus exemplos e a relação familiar me estimularam para o combate na vida política e partidária.

**R.O:** Em 1996, o senhor se elegeu prefeito de Rio Claro pelo Partido Verde (PV), sendo reeleito nas eleições municipais de 2000. Como a sua formação em Geografia o auxiliou

na gestão municipal, e quais teorias apreendidas em sua formação acadêmica foram postas em prática?

Bom, eu acho que vocês tiveram a oportunidade de entrar no meu site, vocês vão ter a oportunidade de ver também qual era a base teórica do meu governo. A geografia foi fundamental na minha formação, mais eu não digo que pra ser um bom político precisa ser geógrafo, porque tem geógrafos por ai que ocuparam cargos de direção e se comportaram como verdadeiros bandidos. Então, a geografia não é garantia nenhuma, mais ela abre possibilidades pra gente sim. Então, por exemplo, a minha formação acadêmica, principalmente durante o período do golpe militar que nos tínhamos que fazer a luta revolucionária pela transformação, eu fui pra universidade me manifestar em forma de teatro e não pela Geografia. Mas a Geografia me ajudou muito a reconhecer os espaços, os tempos e os territórios. Permitiu-me buscar soluções de problemas e integrar ações, reconhecendo que a realidade não é compartimentada, senão para efeito didático. A geografia nos dá conhecimentos horizontais e com ela aprendi a liderar grupos interdisciplinares, estimular ações coletivas e optei pela construção da democracia participativa.

**R.O:** Considerando que o senhor presidiu por seis anos o Comitê de Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá, como você avalia a gestão dos recursos hídricos no Brasil?

A lei federal 9433/97 colocou a possibilidade de construirmos novas e saudáveis relações da sociedade com as estruturas de governo. É um novo e generoso processo de “empoderamento” compartilhando a “governança”. O SUS e o sistema Nacional de Recursos Hídricos são novidades na construção da democracia participativa. Os estudos da Geografia e os profissionais da nossa área possuem imensas atribuições para que o planejamento e a gestão de recursos hídricos sirvam de base para a construção de novas sociedades, descentralizadas e participativas, efetivamente democráticas.

**R.O:** Em suas aulas, de que forma o senhor consegue passar um pouco da sua experiência técnica para os alunos? Qual a importância dessa transmissão de conhecimento prático?

Essa pergunta poderia ser formulada para meus alunos e para aqueles que atuam no sistema de Recursos Hídricos. Na universidade recebemos jovens que saíram do ensino básico e já devem resolver sobre seu futuro profissional. Há os que de maneira amadurecida querem obter os conhecimentos necessários para suas vidas profissionais. Para esses, espero estar colaborando. Não há como desconhecer que fui prefeito durante oito anos e presidente de comitê de Bacia Hidrográfica por seis anos. Eu aprendi muito com essas duas experiências e gostaria de transmitir essas experiências para os meus jovens alunos, para assim, fazermos uma reflexão sobre a teoria e a práxis. Certamente além de transmitir experiências, poderei refletir sobre acertos e erros que existiram, pois pretendo aprender a ser melhor nesse processo como professor.

**R.O:** Como o senhor avalia o seu período de atuação profissional no Instituto de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia?

Estou em Uberlândia desde novembro de 2008. Nesses dois anos, ministrei disciplinas em todos os semestres, orientei trabalhos de conclusão de curso de graduação em Geografia, ajudei no processo de criação e estou coordenando o curso de especialização em Gestão de Recursos Hídricos que é inteiramente gratuito e será concluído em abril de 2011. Coordenei também, o grupo de trabalho formado pelo Conselho do Instituto de Geografia para propor a criação do Centro de Apoio de Municípios (CEAM), que teve seu relatório aprovado, portanto o centro já está criado. Coordenei o grupo de trabalho criado pelo Conselho do Instituto para preparar a proposta de regimento para o CEAM, que já foi entregue e está sob a análise do Conselho do IG. Ministrei disciplina no programa de Mestrado e Doutorado do Departamento de Geografia da UNESP de Presidente Prudente, assim como parte do curso da Universidade de Brasília com o

apoio do CNPq e Agência Nacional de Águas. Participei da coordenação de três semanas de Recursos Hídricos organizadas pela Câmara Municipal de Uberlândia, Prefeitura e DMAE. Fiz dezenas de palestras em eventos geográficos e participei de evento internacional. Coordenei também o seminário sobre Agricultura Irrigada e publiquei trabalhos em co-autoria com colegas do Instituto. Enfim, penso que cumpri o Plano de Trabalho que apresentei ao Instituto quando fui contratado pela UFU.

**R.O:** Considerando o seu retorno à Agência Nacional de Águas (ANA), quais são as suas perspectivas para essa nova fase?

De fato recebi um convite da Diretoria da Agência Nacional de Águas (ANA) para ser seu assessor direto. É muito bom quando um local onde você trabalhou e saiu por sua própria iniciativa, reconhece o trabalho feito e solicita novamente sua colaboração, com posição de destaque. O processo de solicitação para que eu seja cedido para desenvolver atividades da Agência Nacional de Águas precisa ser encaminhado ao IG e por isso mesmo para a UFU também. A instituição decidirá se poderei ser cedido ou não. Neste momento o processo está na Casa Civil da Presidência da República para que seja preparada a solicitação de minha cessão. Há perspectiva de que isso ocorra até o final de abril. Estou sempre preparado para enfrentar novos desafios, na perspectiva de colaborar no processo revolucionário de ajudar na construção de um Brasil justo e que ofereça dignidade para a vida humana e aos demais componentes da natureza.